

O BEIJO DA PALAVRINHA E DIVERTIDA MENTE: A LEITURA LITERÁRIA EM FOCO

Michelle Braz Nogueira (UFAC)¹

Resumo: O presente artigo concentra-se em discussões e reflexões sobre o ensino da literatura, além da apresentação de uma proposta de intervenção pautada na perspectiva Barthesiana e suas forças libertárias: *Mimeses, Mathesis e Semioses*. O foco das atividades propostas serão as obras o conto *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, e o Filme *Divertida Mente*, da Disney-Pixar. Por meio das discussões e reflexões busca-se elaborar uma proposta de intervenção que vise o desenvolvimento de uma leitura literária plena, e seja veículo de saber e humanização, além de colaborar no processo de formação intelectual, cultural e social do sujeito, ao se colocar perante a obra literária como um ser autônomo, questionador, agente construtor de sentido do texto.

Palavras-chave: Literatura; Leitura literária; Forças Literárias

A Leitura literária

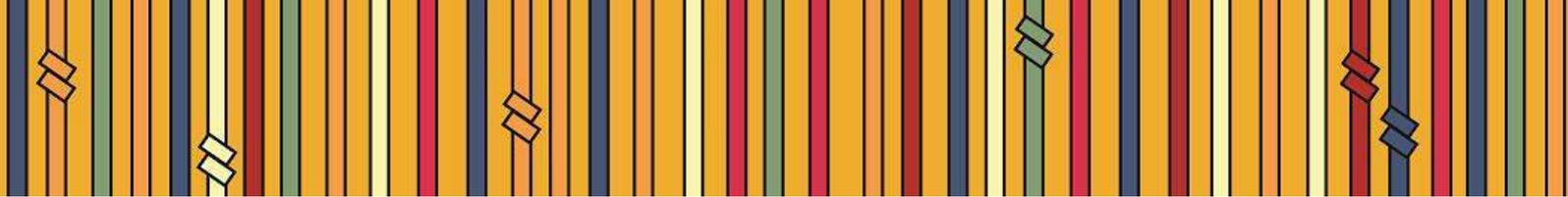
Sabe-se que a inserção da leitura literária é de grande relevância para a formação do ser humano, visto que é agente transformador, tanto de seu mundo interior: sendo possível construir a identidade do sujeito leitor, por meio do reconhecimento e interação entre as experiências do indivíduo e a das personagens; quanto no exterior: ao relacionar-se em sociedade. Cosson acrescenta,

[...]é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. (COSSON, 2014, p.17)

Ao analisar o cenário atual do ensino literário, observa-se que não é um dos melhores, pois o que encontra-se são abordagens que não contemplam o real propósito da leitura literária, nem leva o aluno a entender que “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2010, p.24).

Constata-se que no ensino fundamental, a leitura literária é desenvolvida por meio de discussões superficiais, e posta à reflexões que não promovem o gosto do aluno pelo ato de ler, dado que, na maioria das vezes, são reduzidas a simples elaborações de roteiros ou apenas voltadas ao preenchimento de fichas de leituras. De tal forma, esquecem que esse ato levará o leitor a atribuir sentido, para que se obtenha uma completa compreensão.

¹ Mestranda em Letras-PROFLETRAS (UFAC) Contato: michellebnogueira@gmail.com.



Já no ensino médio, mesmo sendo integrada a disciplina de Língua Portuguesa, a situação não é diferente. Os textos literários são resumidos a meros fragmentos contidos nos livros didáticos, nos quais professores fazem abordagens historicistas da literatura, com uma única finalidade: a aquisição de conhecimentos para exames vestibulares.

Vale ressaltar, que muitos docentes não conseguem desvencilhar-se dos manuais didáticos, com perguntas pré-determinadas, que pouco acrescentam às habilidades leitoras dos alunos. Diante disso, concorda-se com Soares ao refletir sobre caminhos dados a escolarização da literatura:

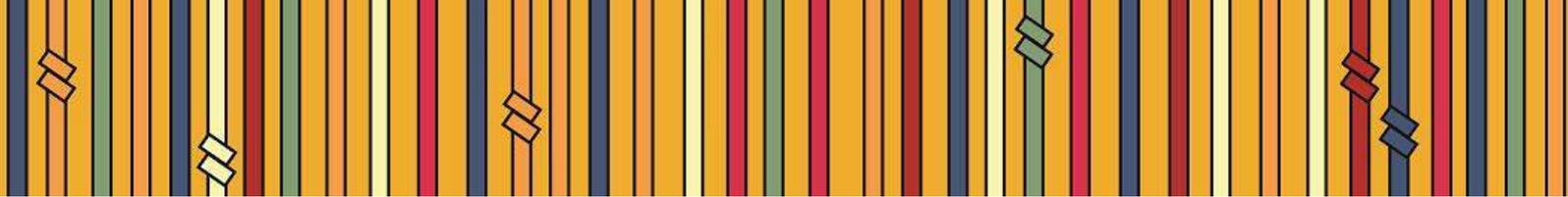
O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2011, p.15)

Sob esse prisma, verifica-se o erro na escolarização da literatura, pois ela realmente deve estar inserida no contexto escolar, assim como as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências, Artes. No entanto, o que nos chama atenção é seu inadequado desenvolvimento em sala de aula, visto que forja um cenário repleto de dificuldades, ao levar o educando a pensar que as leituras de tais textos são complexas. Diante disso, incorporam certa aversão, ao considerar o texto literário difícil de ser decifrado, atitude esta, que os afastam ainda mais da possibilidade de lê-los em sua inteireza.

É preciso aproximar cada vez mais os alunos da literatura, para que possam obter uma nova visão do texto literário, construindo um vínculo consistente entre leitor e o texto. Por meio dessa interação, os educandos possivelmente, começarão a compreender as peculiaridades inerentes ao texto literário, que por intermédio de sua linguagem polissêmica é capaz de representar a realidade, a fim de que o leitor reflita sobre suas próprias experiências, ao mesmo tempo que adquire novos conhecimentos.

Sob esse olhar e mediante a um trabalho efetivo diante do texto literário, os educadores, poderão transformar a percepção antiga, que o aprisiona a análises simplistas, em um ensino significativo, ao possibilitar que a leitura seja um ato efetivamente vivo na vida dos educandos.

Fazer com que os aprendizes sintam o “sal das palavras” como profere Barthes” (2013, p.22), ao atribuir sentido ao que foi lido e ainda vislumbrarem a gama de conhecimentos que lhe é peculiar, vai muito além de folhear livros sem perspectiva



alguma, ou os impor a leituras pouco significativas. Deve-se instigá-los a reconhecer-se em meio às histórias narradas, que muitas vezes, mediante as experiências das personagens, os farão entender-se como ser humano.

Para alcançar esse propósito, há a necessidade de um trabalho contínuo de pesquisa e mediação, que abrange desde a seleção dos textos, passando pela escolha de metodologias até chegar a aplicação, sempre com intuito de envolver o educando a cada etapa de leitura, de modo que possam fruir o texto literário, incorporando, paulatinamente, ao que foi lido suas experiências de vida.

Para isso, o educador deve rever suas metodologias de ensino e, principalmente, sua visão em relação à leitura literária; contudo, a maioria não reconhece a literatura como fonte de conhecimento, nem objeto de transformação social. Em sala de aula, o texto, normalmente, perde sua essência, pois não são percebidas nem exploradas sua linguagem rica em significados. Dessa forma, é notório o desestímulo dos alunos frente ao texto literário, uma vez que as práticas pedagógicas não são eficientes, pois não os levam à fruição, nem ao menos, à aquisição do gosto pelo ato de ler.

Diante disso, a escola tem em suas mãos a missão de incentivar a leitura literária no ambiente de ensino, uma vez que seu mau desenvolvimento pode causar uma deficiência no processo de formação leitora dos alunos, principalmente nas séries iniciais. Por isso, parece-nos imprescindível trabalhar essa prática cuidadosamente, fazer com que essa ação não se torne monótona em sala de aula, como enfatiza Silveira:

A leitura escolar deve contemplar o aspecto formativo do educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento [...] o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descontínuo de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade. (SILVEIRA, 2005, p.16)

É necessário que a leitura literária seja vista e compreendida pelo educando como algo que contempla seu aspecto histórico, cultural e principalmente social, sendo preciso que a escola faça com que o educando deixe a concepção de que a leitura é um dever, e o permita a perceber que é um momento para refletir sobre o mundo, sobre outro e sobre si próprio, ao mesmo tempo em que proporciona entrar em contato com a fantasia, despertando emoções, muitas vezes ignoradas por ele.



É preciso mudar urgentemente a antiga concepção de leitura e conscientizar, tanto os professores quanto os alunos, de que “aprender a ler é mais que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor, são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (COSSON, 2014, p.40).

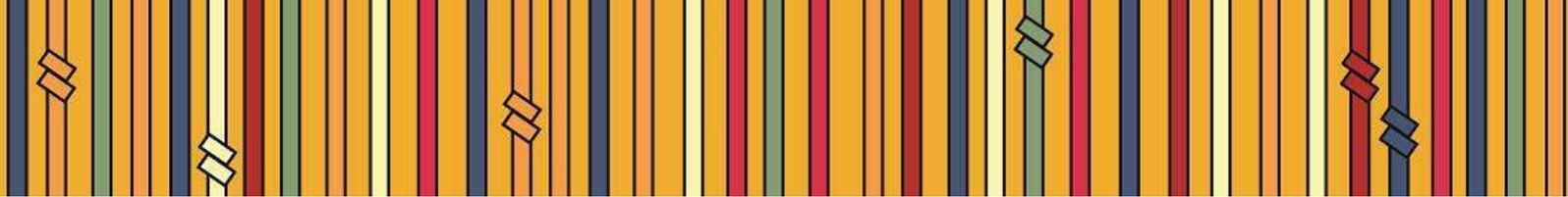
Por isso, a instituição escolar deve dar atenção à leitura literária, visto que ela contribuirá para a formação do sujeito, “por constituir uma prática capaz de questionar o mundo já organizado, propondo outras direções de vida e de convivência cultural”. (PAULINO, 2016). Assim, a leitura do texto literário revelará um mundo, no qual os educandos poderão conhecer outras culturas, experienciar novas vivências que os farão compreender melhor o Ser Humano.

As forças libertárias de Barthes

Roland Barthes em sua obra *Aula* indica três forças da literatura que considera imprescindíveis presentes em um texto literário, são elas: *Mathesis*, *Mimesis*, *Semiosis*, forças essas capazes de agir sobre o poder opressor da língua.

Segundo Barthes, é na *Mathesis* que “a literatura assume vários saberes” (2013, p.18), pois observamos que uma obra não é restrita a um único conhecimento como nas outras disciplinas. Podemos encontrar informações históricas, geográficas, éticas como no exemplo citado pelo autor, o romance de *Robinson Crusóé*, que mescla conhecimentos antropológicos, botânicos e sociais dentre outros. Conforme o autor, “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles: ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (2013, p.18)

Como vê-se, a literatura permite que os saberes não se fixem, nem se tornem isolados, o que provavelmente nos assegura buscar a identificação com a realidade descrita, para, não só construir significados, bem como para adquirir uma gama de informações, que colaborará com a formação do indivíduo. Nesse sentido, é possível que todo esse conhecimento auxilie e leve o educando a perceber seus problemas em seu meio social, e eventualmente o torne mais humano, como afirma Barthes (2013, p.18) “é nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista; ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.



A literatura se realiza através da representação do real, e os saberes contidos nela não se mostram como algo definido, fixo e único, uma vez que o texto é campo de várias interpretações. Ela nos mostra saberes possíveis, e nos permite refletir sobre cada um, advindo de um discurso que já não é mais epistemológico, mas sim originado pelo real, o que nos possibilita visualizar a dinamicidade da linguagem por meio da dramaticidade que encena o monumento literário (BARTHES, 2013).

São perceptíveis as dificuldades dos alunos ao interpretarem e discutirem um texto literário: observar suas peculiaridades, seu valor expressivo, buscar traços que o ajudem a decifrar as metáforas, a simbologia das palavras, que o façam definitivamente entender o que foi lido e também o que texto tem a oferecer de mais profundo dentro de seus saberes.

Parece-nos fundamental que o professor seja visto pelos aprendizes como um espelho, ao refletir o seu encanto pela literatura. Possivelmente assim, os alunos se constituirão também como amantes da leitura e de suas experiências, uma vez que juntos poderão trocar experiências leitoras, nascendo “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”. (BARTHES, 2013, p.21)

A segunda força da literatura, proposta por Barthes, em sua obra é a *Mimesis*. Esta força diz respeito ao poder que a literatura tem de representação. O autor revela que “o real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura”. (BARTHES, 2013, p.22)

Barthes (2013) afirma que desde os tempos antigos a literatura inspira-se na representação de alguma coisa, mais precisamente: o real. E é, por essa vontade, por essa busca da representação, que a literatura se torna irrealista. A *Mimesis* revela essa contradição da literatura em querer recriar o impossível. É a essa função que Barthes denomina função utópica.

Diante dessas afirmações, o autor afirma que não há outra saída para o escritor senão a utilização da teimosia ou o deslocamento que o liberta de aprisionar-se a uma forma ou estrutura. Assim, é importante salientar que essa força de representação - a *Mimesis* - poderá fazer com que o leitor se reconheça em cada objeto representado, o que pode propiciar sua aproximação do texto literário.

Por teimar e deslocar-se é que a linguagem se instaura como um jogo. Neste sentido, Barthes demonstra a terceira força da literatura designada como *Semiosis*:



Pode se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com seus signos em vez de destruí-los, em colocá-los em maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas. (BARTHES, 2013, p.28-29)

É por isso que a literatura consegue ser a única forma de ludibriar o poder da linguagem, visto que o jogo realizado com as palavras faz com ela nunca seja vista de uma única forma. Nunca se apropriará de um caráter homogêneo, mas sim heterogêneo do dizer, do expressar por intermédio das palavras, ao assumir novos significados e variadas representações.

A semiologia se volta ao texto, uma vez que ele é designado por Barthes (2013) como próprio índice do despoder, ao ser capaz de atribuir vários sentidos e interpretações, ao desvincular as palavras de uma única via de explicação.

Essa força da literatura cria a possibilidade do leitor adentrar profundamente o texto literário, e buscar as mais diversas leituras, ao procurar atribuir aos signos, o mais adequado significado em meios a variadas interpretações que ele poderá obter. Assim, o indivíduo utilizará sua percepção para poder compreender o texto literário, ao percorrer caminhos formados pelas palavras, que podem promover diversas leituras a um mesmo texto.

Ao continuar-se a propor um ensino que apenas valoriza o discurso superficial e de repetição, se permanecerá no campo improdutivo do qual a literatura não faz parte. Insistiríamos em um ensino que não estimula o uso da imaginação e não oferece ao aluno o incentivo necessário para obter a sua própria leitura em meio as diversas possibilidades que um signo pode ter. Para Barthes (2013, p.43), “o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto.”

Assim, pode-se dizer que as forças da literatura, constituídas por Roland Barthes, são caminhos essenciais para que os educandos compreendam o quanto o texto literário tem a contribuir para a formação do ser humano.

Proposta de intervenção: *O beijo da palavrinha e Divertida Mente*

A proposta intervenção será desenvolvida das com o conto *O beijo da palavrinha* e o filme *Divertida Mente*, uma vez que trabalhar com esses textos, possibilitará ao educando entrar em contato com a fantasia, ao mesmo tempo que amplia seus conhecimentos e incorpora vivências por meio do diálogo entre realidade e ficção.

As narrativas literárias poderão proporcionar a humanização do educando por intermédio da incorporação de experiências das personagens, na qual, pode-se tanto visualizar os problemas da vida, quanto levá-lo a apreciar seu senso de beleza. Diante disso, acrescenta Candido (2011, p.182) “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo essa incorporação que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo”.

A realização de uma leitura literária plena, a qual se almeja, poderá ser alcançada, não só ao levar os indivíduos a reconhecerem o texto como objeto de conhecimento, mas também que eles possam apreender o valor estético, cultural e social que ele possui.

Para alcançarmos uma leitura literária que faça sentido na vida dos discentes começaremos por buscar obras que proporcionem um encontro com suas vivências, sejam suas próprias ou das pessoas ao seu redor. Fazer com que eles se reconheçam nos textos literários torna-se fundamental para estimulá-los a terem o gosto pela leitura.

Proporcionar aos alunos diversos tipos de leitura é fundamental para ampliação da visão de mundo, visto que literatura e cinema são ferramentas, que parecem-nos essenciais ao ensino, cujo conhecimento visa o ser humano, dentro de suas inspirações, emoções, sua maneira de se expressar com o outro. Em suma, nos coloca à frente do conhecimento da complexidade humana, uma vez que “esse conhecimento nos inicia a viver, ao mesmo tempo, com seres e situações complexas.” (MORIN, 2010, p.49)

Desta maneira, corrobora-se que a escola, representada na figura do professor, deve proporcionar um diálogo entre as narrativas literárias e as narrativas dos filmes, pois a literatura e cinema são artes que caminham juntas, visto que permitem pensar, sentir e indagar sobre o mundo em que vivemos, sobre o ser humano que somos e poderemos ser, isto é, literatura e cinema “são também escolas da vida”. (MORIN, 2010, p. 48)

A partir da seleção das narrativas, será proposta vias que ocasionem o primeiro contato entre aluno e obras, por meio de uma leitura pautada na construção de sentido do



texto. Deste modo o professor iniciará a leitura por meio de uma motivação que envolva uma atividade atrativa.

1º Momento – Motivação

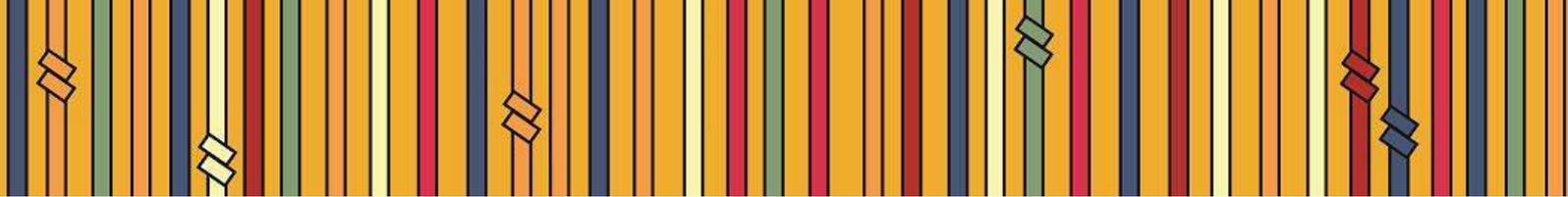
Na etapa de motivação será realizada a exibição do filme do filme *Divertida Mente*. Busca-se com esta atividade motivacional, criar o vínculo desejado entre o leitor e o texto literário, propiciando uma atividade, não só a descoberta pelo gosto do texto literário, como também possibilidade da curiosidade pela história a ser desvelada.

Desta forma, propõe-se começar levar o aluno a entender a narrativa, visto que o espaço principal de seu desenvolvimento é a mente de Riley, e tem como personagens alegóricas as emoções humanas: Alegria (comandante da mente da protagonista), Tristeza, Medo Raiva e Nojinho. O conflito se inicia quando a menina se muda para San Francisco (EUA) o que faz com que a emoção Tristeza fique mais próximas de sua mente. A partir deste episódio, Alegria não permite que Riley viva intensamente suas emoções tristes, e ao tentar afastar definitivamente a Tristeza de sua vida, gera uma grande confusão entre as duas ocasionando a saída das duas emoções do sistema de controle cerebral da menina.

Entender o enredo será fundamental para que os aprendizes se reconheçam na história narrada. Por meio da discussão dos fatos principais do filme, sempre mediada pelo professor, o educando poderá dar uma interpretação mais profunda dos conflitos da personagem e dos temas a serem discutidos, como os conflitos humanos e a importância de cada sentimento na vida do indivíduo, principalmente Alegria e Tristeza, que possuem uma relação de dependência.

Levar o educando a colocar-se no lugar da protagonista e vivenciar seus conflitos, os fará compreender a relação entre a narrativa e a realidade, além de os preparar para o estudo do texto literário. Por isso, se delineará toda a trajetória da protagonista, desde o início de seus conflitos, até a resolução deles, para assim adentrar mais adiante na história de Maria Poeirinha, a protagonista do conto.

Com intuito de fazê-los reconhecer que cada sentimento tem seu lado positivo e negativo realizar-se-á a dinâmica do Júri, no qual Tristeza e Alegria serão julgadas pelos alunos. Nesta atividade a sala se dividirá em três grupos. O primeiro grupo defenderá Alegria e acusará a Tristeza e o segundo entrará em defesa da Tristeza e acusará a Alegria. O terceiro grupo será responsável pelo veredito final, sendo responsável pelas anotações



dos argumentos de ambas as partes e o compartilhamento dos pontos principais da discussão.

Nossa intenção na aplicação desta atividade é fazer com que os educandos visualizem que tanto Tristeza e quanto Alegria têm seus aspectos positivos e negativos e que a narrativa literária é plurissignificativa, os proporcionando, por meio da reflexão e discussão da obra escolher a interpretação mais viável.

É válido destacar, que nessas atividades, sempre será fundamental partilhar suas experiências com os colegas. Ademais, é preciso que os educandos respeitem a leitura do outro, uma vez que “pode apresentar suas singularidades. As preferências de cada um são respeitadas para que ocorra de fato uma leitura literária” (PAULINO, 2016).

2º momento-Leitura e interpretação do Conto *O beijo da palavrinha*

A leitura da conto será realizada logo após a apresentação e discussão do filme, para assim motivar o educando a adentrar a obra literária e os conflito de Maria Poeirinha, protagonista do conto literário. Para ocasionar o primeiro contado de educando com a história se escreverá o título *O beijo da palavrinha* no quadro para que surjam as primeiras indagações sobre os possíveis temas contidos na narrativa. Por intermédio de uma conversa informal, o professor os deixará livres para partilhar suas primeiras visões sobre o título do texto. Criar um primeiro contato o conto torna a leitura mais atrativa, à medida que, o educador insere alternativas criativas que envolvam o leitor.

Em seguida os educandos entrarão em contato com texto individualmente, obtendo suas primeiras impressões e seus primeiros questionamentos. A leitura em voz alta, também é uma alternativa para que os educandos visualizem o texto de outra forma criando possibilidades interpretativas.

Após esta etapa, será proposto aos alunos tecer comentários, deixando-os livres para questionar sobre alguns pontos essenciais da narrativa e que os ajudarão na hora da interpretação. O professor mediador por meio de uma conversa informal, o encaminhará a fazer suas primeiras reflexões sobre características comportamento das personagens, temas e conflitos principais, fatos semelhantes a experiências já vividas por eles. Todas estas questões serão debatidas, e podem os levar a inferir situações, traçar opiniões, causar o reconhecimento em meio às personagens dentro de seus conflitos.

Segundo Cosson (2014), a leitura é o momento de grande relevância na sequência, pois é quando se conhece a história propriamente dita. O professor faz a organização e o



acompanhamento da leitura, auxiliando os alunos nas dificuldades para que eles a desenvolvam naturalmente. É necessário sempre desfazer alguns problemas que surgem durante esse processo, tais como, o de vocabulário, ou questões como a expectativa que o aluno cria perante o texto, o que pode ocasionar até o abandono da leitura do texto.

A etapa de interpretação é a fase em que a leitura literária passa a fazer sentido, uma vez que nesse processo os alunos começam a interpretar os signos presentes, investigar as pistas encontradas, além de interagir com as ideias do texto. Nesse momento, o docente começará a exploração do texto pelos trechos e palavras-chaves selecionadas pelos aprendizes, a princípio, por meio da construção de uma atividade denominada “Árvore das interpretações”, se iniciará a desvendar o mundo da protagonista.

Nesta árvore constará algumas palavras-chave fundamentais para se descobrir os conflitos internos da menina. Uma das palavras selecionadas e de maior significação da obra será a palavra plurissignificativa “MAR”. A protagonista da história deseja conhecer o “MAR” e essa palavra da margem a outras interpretações. Além do grande corpo de água, poderá ser uma metáfora de conhecimento, ou ainda por meio do mar a personagem encontraria a cura para o sofrimento da vida, dentre outras possíveis significações.

Todas possíveis interpretações e significados seriam postos nas ramificações da árvore, desta forma, começaria a se construir a trajetória de Maria Poeirinha. Outras palavras ou trechos da história também seriam analisados como os nomes da personagens: Maria Poeirinha, Zeca Zonzo, Jaime Litorâneo, assim como, a passagem plurissignificativa que relata sua morte, que se passa quando a menina beija a palavra “MAR”.

Esses são alguns exemplos de momentos, imagens símbolos que podem levar os educandos a perceberem o quanto é potente um texto literário, e podem os levar a “jogar com os signos ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza de verdade” (BARTHES,2013).

Após a exploração do texto seria realizada uma dinâmica para que os alunos possam criar diálogos entre sua vida e o texto lido. Essa dinâmica será denominada Trilha das Vivências. Neste jogo, os alunos se dividirão em grupos e seu representante será responsável por jogar o dado e percorrer a trilha, composta por passagens referentes ao texto: como o fato de Maria Poeirinha não conhecer o Mar, a morte de um ente querido,



a situação social da família da menina. A cada casa os alunos terão espaço para refletirem e discutirem sobre sua vida e a de seus colegas.

Sob esse olhar, intuímos que trabalhar nessa perspectiva permitirá que os educandos visualizem o ser humano retratado na obra em todos os seus aspectos, além da possibilidade de traçar semelhanças com o mundo real, ao se reconhecerem mediante os fatos vividos pelas personagens.

Neste sentido, é fundamental levá-los a perceber a dimensão literária, que nos permite viver uma realidade possível por meio da linguagem. Pois, conforme Barthes (2013) a literatura não é a realidade concreta, contudo há a tentativa de representá-la por intermédio da escrita.

Para finalizar, o mediador trabalhará de forma interdisciplinar com os professores de história, geografia. Em aulas devidamente planejadas e explanadas em conjunto teremos a oportunidade de mostrar aos alunos um pouco da África, país de origem da obra, falando sobre os aspectos geográficos, históricos e culturais interligando esses aspectos com fatos da obra literária, como a importância do mar na vida dos africanos, além de mostrar sua cultura e religião. Só assim, se dará aos educandos a possibilidade de enxergarem a potencialidade da obra literária.

Portanto, trabalhar com o texto literário levando os alunos a atribuir sentidos por meio das forças literárias propostas por Barthes, nas quais desvelam-se: seu poder polissêmico, a capacidade de representação da realidade, além dos saberes contidos em sua essência, torna-se meio essencial para a construção teia de conhecimentos, que consequentemente, contribuirá para ampliação de uma visão crítica do mundo capaz de conscientizá-lo da responsabilidade por seu processo de ensino-aprendizagem que se dará durante toda a sua vida.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 2. ed - São Paulo: Contexto, 2014.

COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha**. Rio de Janeiro: língua geral, 2006.

Divertida Mente. Direção: Pete Docter, Produção: Jonas Rivera. Estados Unidos (USA): Disney- Pixar, 2015, DVD

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento; tradução Eloá Jacobina. – 8. ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

_____. Saberes literários como saberes docentes. In: **Presença Pedagógica.** Belo Horizonte, v.10, nº 59, pp. 55-61, set./out., 2004.

_____. **Leitura Literária.** Glossário CEALE. Disponível em: ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria. Acessado em: 15 de dezembro de 2016.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos Teóricos e estratégias de leitura de leitura:** suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária.** 2.ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL ,2010.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.